

MOVIMENTOS SOCIAIS NO PROTAGONISMO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONSTRUINDO A IDENTIDADE CAMPONESA

Autora: Maria Helena Romani Mosquen - UNIJUI
e-mail: mariah_mosquen@hotmail.com

Coautora: Catiane Cinelli - UFRGS
e-mail: katimmc@gmail.com

Eixo 8: Constituição dos Movimentos sociais para a educação dos trabalhadores: crianças, jovens, adultos e idosos (espaços formais e não formais).

Resumo: Este ensaio propõe-se refletir sobre alguns elementos da Educação do Campo tratando-se de fazeres e saberes na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Padre José de Anchieta da Linha Dois Irmãos no município de São Miguel do Oeste, Santa Catarina. O objetivo é discutir a concepção da Educação do Campo com a contribuição dos Movimentos Sociais na construção da identidade camponesa. Este estudo é baseado em pesquisa participante, com coleta de dados a partir de observações, falas dos sujeitos envolvidos no processo da escola, sendo estes: educadores (as), educandos (as) e os/as camponeses/as. A experiência pesquisada é desenvolvida nas escolas do campo, de 2009 aos dias atuais, do referido município. Os (as) autores (as) como Freire, Caldart, Mançano, Torres e outros foram fundamentais para construir o debate. As experiências relatadas têm um dinamismo, movimento carregado de enorme riqueza no ambiente educativo da escola do campo. Colocamo-nos em diálogo com a nossa prática onde se constroem e fomentam-se perspectivas de uma educação emancipatória protagonizada por sujeitos sociais do campo organizados.

Palavras-chave: Educação do Campo, Movimento Social, Identidade camponesa.

Este trabalho propõe-se a refletir sobre ações desenvolvidas na EMEIEF Padre José de Anchieta, localizada na Linha Dois Irmãos, no município de São Miguel do Oeste, Santa Catarina. Nesta escola tem educandos dos Assentamentos Antas da Linha Oito de Março e Assentamento Jacutinga da Linha Vinte e Seis de Outubro.

O estudo é baseado em Pesquisa Participante, com coleta de dados a partir de observações e falas dos sujeitos envolvidos. Diante disso, escolhemos os camponeses/assentados (as) como sujeitos de pesquisa, na escuta das vozes, primeiro por dar direito a voz e também por suas falas serem carregadas de significados. Na caracterização do campesinato, ficou evidente a ação dos camponeses e das camponesas como sujeitos históricos e, acima de tudo, como aqueles e aquelas que se fazem sujeitos políticos por resistirem frente à hegemonia da sociedade capitalista. Saliento, também, que uma parcela significativa deles e delas se mantém organizados em Movimentos Sociais Populares, em

vista das conquistas de direitos fundamentais para continuar sobrevivendo, inclusive fazendo enfrentamento ao agronegócio.

A pesquisa participante foi uma pesquisa educativa com vistas à compreensão crítica da realidade, à reflexão e ao engajamento nos assentamentos, nos Movimentos Sociais, que culminou em uma investigação social, um trabalho educacional e emancipador. A mesma possibilitou compreender as classes populares, os sujeitos do campo e seu mundo, nos quais se constituiu a razão desta pesquisa.

A experiência pesquisada é desenvolvida na escola do campo do referido município, onde estão construindo coletivamente a educação na perspectiva emancipatória dos sujeitos históricos que lá estudam, vivem e se fazem. Todos os dados são de 2009 a 2012. Freire (1987), Caldart (2004), Mançano (2009), Torres (2008) assim como outros (as) autores (as) nos ajudam a discutir tal ação como aquela que necessariamente põe os sujeitos do campo como sujeitos de direitos¹, de dignidade e protagonistas.

Os camponeses ao se colocarem como sujeitos de direitos afinando suas ideias, tecendo suas lutas, puseram-se em ação e acima de tudo assumiram a posição contra um sistema capitalista hegemônico e acreditando que era possível construir outro jeito de viver em sociedade.

No Brasil emergem as lutas de classe, e esta não se dá no vácuo, de acordo com Fernandes (2009) é na existência das classes, de seus antagonismos sociais e no Movimento Social, ou seja, nas impulsões dos trabalhadores no sentido de alterar a sociedade existente e de criar uma sociedade nova.

Os camponeses ao se posicionar como sujeitos de direitos conseguiram construir outra possibilidade de viver no campo, enquanto a fome, a miséria, o desemprego, a violência e o êxodo rural tomavam conta destes territórios, repovoaram o campo, produziram alimentos, redescobriram novas relações de produção e vivência no campo; desmantelaram impérios de latifúndios e redistribuíram terras. A luta de classe camponesa possibilitou o campo tomar outros rumos, outras possibilidades de contar e viver a história. A história não é algo estanque, acabado é um processo dialético e é neste processo que o Movimento Social do Campo se constituiu.

A Educação do Campo ao pensar a transformação da sociedade, um projeto de país, de educação, contrapondo a Educação Rural de nosso país é marcado por exclusões e desigualdade, que historicamente, considerou a população do campo como parte atrasada e

¹ De acordo com Arroyo, Caldart e Molina (Orgs.), 2004.

fora do projeto de modernidade. Educação Rural que se evidenciava claramente a necessidade da imposição de ideologias urbanas, de progresso e desenvolvimento. Para isso se consolidar era preciso desqualificar o camponês para a imposição da cultura de massa que está a serviço do mercado. A consolidação do modo de produção capitalista somente foi possível como destruição ou ressignificação das práticas tradicionais.

As pesquisas desenvolvidas por Thompson na Inglaterra no século XVIII ajuda compreender como a burguesia trabalhou no sentido de desqualificar as práticas tradicionais populares para impor os novos costumes. Passa por esse período histórico a desqualificação do saber do camponês, para isso se materializar a Educação Rural foi responsável para o fortalecimento de um sistema capitalista que começa a tomar força, enraizar e se instalar no território rural.

Para Damasceno (1992), a Educação Rural serviu de instrumento de difusão de ideologia inclusive às pretendidas pelos governos americanos. Semeadas numa sociedade em transição e marcada por extraordinária desigualdade social, tais projetos e políticas têm consequências diversas, inclusive a de mobilizar as populações rurais já vítimas da modernização no campo, contra efeitos negativos que vem produzindo sobre as suas vidas. Diante de toda essa massificação dos campesinos, da multidão de excluídos, através da luta social, começa a preocupação com a escola, que atendesse a necessidade de estudar para viver no campo, que ajudasse desenvolver o assentamento, uma escola que prepara para a cooperação, melhora a condição de vida, humaniza e emancipa.

A Educação do Campo nasce da luta social dos campesinos, o MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a partir da necessidade dos acampados/assentados (as) que carecem de educação, mas não da educação que conforma os trabalhadores a uma lógica que é de sua própria destruição como classe, como grupo social e cultural, como humanidade (CALDART, 2010, p. 64). Através do Movimento Social do Campo, mais precisamente o MST, possibilitou a sensibilização/conscientização dos campesinos que perceberam a necessidade de uma educação que ajudassem a organizar o movimento, a organizar o cotidiano, a organizar a sua vida.

Educação do Campo vem do movimento, das lutas pelos direitos de todos que vivem no território do campo, e que vêm na educação a possibilidade de reconstrução da identidade, da ampliação de conhecimento e de poder e, fundamentalmente, de construir e compartilhar um projeto político para o país pensando o desenvolvimento territorial (FERNANDES, MOLINA, CALDART, JESUS, 2009, p. 248). Uma educação que tem haver com a sua vida, seus saberes e fazeres. Em torno dessa dinâmica que começaram

organizar/construir a Educação do Campo. Educação que vem da base, da mobilização, do movimento. Uma educação que se constrói através do espaço popular.

É uma educação que emerge da consciência de classe, dos setores mais desfavorecidos, empobrecidos e excluídos da sociedade para os que estavam sem terra, sem escolaridade, sem cidadania... A necessidade de uma educação para o povo², da utopia³, de transformação e de um projeto educativo a partir do trabalho das classes populares, aqui especificamente dirigimos aos camponeses acampados/assentados.

Através da luta de classe⁴ o MST, estes setores sociais tornaram-se conscientes da realidade e fomentaram a organização e a participação popular. A partir de estruturas sociais injustas que camponeses e as camponesas, sem terra, sem casa, sem educação, sem dignidade que possibilitou atuar por si mesmo. Os camponeses e as camponesas reconheceram como sujeitos de direito diante da realidade que se encontrava o campo brasileiro com concentração de terra, problemas ambientais, desemprego, e o pior de tudo a exclusão dos sujeitos do campo por um sistema capitalista.

Essa é a realidade desumana das condições do campo que desencadeou a luta por terra e pela reforma agrária, o mesmo sentido que origina a Educação do Campo. Ela nasce vinculada às lutas sociais camponesas, à luta pelos direitos das mulheres camponesas, com a luta pela reforma agrária e por um projeto camponês de desenvolvimento do campo (CALDART, 2004, p. 24).

A razão de ser destes sujeitos populares foi a sua organização, as suas lutas, suas utopias que buscam emancipação popular. A Educação do Campo como uma prática social com os setores mais excluídos da sociedade a partir da necessidade, da consciência, da sensibilização, interesse que este setor social; expressa na educação o ponto de partida para práticas sociais e culturais que incidem na formação destes sujeitos.

A Educação do Campo carrega consigo o caráter político da educação e seu papel de buscar uma sociedade justa e democrática e assumir uma opção de fortalecimento, de organização e movimento, gestado por setores populares para que possibilitem ações emancipadoras e de transformação social ao gerar alternativas.

² Educação para o povo educação através do trabalho do/com o povo, sobre ela/este é o sentido de educação, em todos os seus níveis, como uma Educação Popular (Carlos Rodrigues Brandão: O que é Educação Popular (2009, p. 84).

³ Utopia não é o irrealizável: a utopia é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (Freire, 1979). Utopia é um sonho impossível hoje que é tornar possível amanhã (Freire, 2008).

⁴ Luta de classe na obra de Thompson “Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional” (1998) luta de classe enquanto luta também cultural.

Parafraseando Torres (2008), Movimento Social é uma expressão da sociedade civil, politiza os sujeitos que participam e ampliam as fronteiras com democracia e as cidadanias, constroem novas culturas políticas. São espaços de socialização, de educação política, alimentam novas identidades e utopias. Os Movimentos Sociais⁵ são protagonistas de uma nova maneira de fazer política, democracia e educação, são estes novos sujeitos históricos de transformação social.

Para Pontual (2002), os Movimentos Sociais conseguiram fazer à crítica a ordem social, ir contra um projeto neoliberal, atribuindo a esse, a pobreza, desigualdade social, a exclusão, destruição e violência. Estes processos desumanizantes, gerados pela hegemonia do capitalismo, com a democracia subordinada a modelos excludentes, práticas corporativas e clientelismo.

Os Movimentos Sociais denominam a capacidade para transgredir os limites do modelo social vigente; este potencial “subversivo” converte os movimentos sociais em atores políticos, que questionam a ordem política, incidem na definição de políticas públicas, ampliam a democracia e contribuem para formar cidadanias críticas (MELUCCI, 1999, apud TORRES, p.115).

Em concordância com Ubilla (2000), são os processos organizativos do Movimento Social, articulado as experiências que potencializaram o protagonismo popular. A Educação do Campo emerge das práticas da vida cotidiana quando amplia o debate, constrói sujeitos, faz a releitura crítica da ordem social e de mundo, gera teorias, enfim um potencial transformador que se constrói dialeticamente com participação social. Criada por camponeses (as) que foram protagonizando uma educação com identidade coletiva, vivência do saber, que nasce da experiência, de práticas sociais.

Compreendemos que é na identidade coletiva⁶ do Sem Terra, do camponês, do trabalhador (a) do campo, de classe trabalhadora, de ser humano (Caldart, 2010) que se cria relação recria, dialoga, sonha, enfrenta conflito, constrói e se projeta um mundo mais justo, construindo jeitos de participação.

O desafio está em construir uma proposta que não continue sendo o que quase sempre foi: autoritária e preconceituosa seguindo modelo urbano de ensino. A Educação do Campo

⁵ Movimento Social un tipo de acción colectiva, más o menos permanente, orientada a enfrentar opresiones, desigualdades, exclusiones, protagonizada por sectores amplios de población quienes a través de La organización y movilización en torno a SUS demandas y sus luchas van elaborando un sistema de creencias y una identidad colectiva,a La vez que van generando propuestas y proyectos que modifican las estructuras Del sistema social (Alfonso Torres Carrillo).

⁶ Identidade Coletiva não é um dado ou uma essência, mas um produto de trocas, negociações, decisões e conflito (MELUCCI, 2001, p. 22).

articula o saber com a vida cotidiana, com histórias de vida, a construção de identidade, com a memória coletiva da comunidade para viabilizar práticas (UBILLA apud: TORRES, 2008).

Referimo-nos a uma concepção que constrói reflexão a partir da experiência prática e de práticas pedagógicas inovadoras, onde a elaboração do conhecimento ocorre com participação, considerando práticas sociais dos camponeses (as), através de seus conhecimentos históricos. Freire ressalta a proximidade no sentido prático dos conhecimentos científicos com os saberes dos camponeses, na sua experiência observou:

Que os camponeses somente se interessaram pela discussão quando a codificação dizia respeito, diretamente, a aspectos concretos de suas necessidades sentidas. Qualquer desvio na codificação, como qualquer tentativa do educador de orientar o diálogo, na descodificação, para outros rumos que não fossem os de suas necessidades sentidas, e provocavam o seu silêncio e o seu indiferentismo (FREIRE, 1988, p.110).

O conhecimento para os camponeses (as) tem valor quando surgem de suas práticas sociais. Esse ponto de vista contrapõe o que historicamente se trabalha na escola, conhecimentos de forma fragmentada/deslocada produzidos fora da vida social. Assim, a Educação do Campo dá sentido, vincula com a realidade, com as questões da vida das pessoas. Para Caldart (2007), essa Educação precisa abordar os conhecimentos que dêem conta de compreender a realidade como totalidade, nas suas contradições, no seu movimento histórico.

Entende-se que o Materialismo Histórico Dialético⁷ é referência a obra de Marx, em que esta pode ser uma perspectiva que os educadores (as) podem trabalhar com os conhecimentos científicos.

Na fala de um educador⁸ de uma das escolas do campo pode se observar:

É preciso juntar a realidade aqui da escola, da comunidade e o conteúdo, integrarem estudo e o trabalho prático, é preciso de um esforço coletivo de achar uma maneira, um método de fazer na prática cotidiana. Da gente deixar de ser refém de conteúdos para ficar refém de práticas, que daí acontece fragmentação de novo, se estabelecermos momentos

⁷ Materialismo Histórico Dialético: concepção funda-se em categorias que são expressão da realidade, permitem apreender os problemas concretos e propõe um engajamento, comprometimento com e na realidade, que se concretiza a práxis. Assim como, comprehende-se a crítica como a apropriação teórica da história que está sendo feita, em posição ao entendimento não histórico, porque abstrato ou já passado, de uma realidade sempre em movimento (Milton Santos,2004)

⁸ Para preservar a identidade das informações, foram usadas nomenclaturas para citar as falas dos camponeses (Camponês 01), para os educadores (Educador 01) e os educandos (Educando 01).

diferentes para a prática, esse é ainda um desafio para a nossa escola do campo (Educador 01).

Podemos ver a riqueza da fala deste educador do campo, que se constituiu pela experiência/vivência. A escola precisa respeitar os saberes com que os educandos, aqui nos referindo os filhos dos camponês/assentados (as), chegam à escola, saberes socialmente construídos na prática comunitária. A Educação do Campo precisa vincular com os saberes produzidos nas práticas sociais e cotidianas e o envolvimento com os saberes científicos e este processo se constrói no fazer, na *práxis*⁹ pedagógica.

A Educação do Campo precisa de conhecimentos que dêem conta de compreender a realidade e agir nela transformando-a, apropriando como produção coletiva, valorização das identidades populares campesinas e de crítica ao mundo. Para Snyders (1981), os alunos do povo pedem que a escola lhe fale deles mesmos e do seu tempo, do seu mundo e das suas lutas – o que implica uma conexão direta entre Movimento Social e que passa na escola, deste modo se vai muito longe à exigência e transformação.

Assim, potencializar a maneira de “ser mais” (Freire, 1993), de pensar, e de viver com sentido no que fazem, com consciência, vinculadas aos seus saberes e experiências. Educandos do campo possam falar a partir de seu território¹⁰, do seu lugar de vida, convivência, trabalho e relações sociais. De acordo com Assumpção (2001), construindo um movimento solidário, dialético e dialógico que lhe permita desvendar o local e o universal, e se comprometam com as ações necessárias à construção de outro mundo possível com justiça e sustentabilidade.

Nessa teoria educacional, os campesinos (as) são sujeitos sociais que constituíram e faz no dia a dia a luta pela educação da classe trabalhadora do campo. Os Movimentos Sociais¹¹ recuperaram a humanidade negada, devolvendo-lhe o direito de ser, de pensar,

⁹ Práxis é um termo de origem grega que significa, basicamente, ação entre pessoas. Marx na concepção da práxis como princípio educativo o trabalho, a cultura, a luta social, a organização coletiva.

¹⁰ Território camponês é caracterizado pela maior presença de pessoas porque é neste e deste espaço que elas constroem suas existências e produzem alimentos. Gente, moradia, produção de mercadoria, culturas e infraestrutura social, entre outros, são os componentes da paisagem do território do camponês (Bernardo Mançano Fernandes – UNESP – pesquisador do CNPq).

¹¹ Movimentos Sociais são compreendidos como sujeitos organizados que se colocam na sociedade como expressão política de si mesmos, sem intermediações, que tem na condição de reprodução da vida, que se relaciona com o trabalho e possibilidade de vida digna, o norte de sua existência. Neste sentido são portadores de reivindicações que apontam para real universalização dos direitos. Aspectos que caracterizam estes Movimentos, apesar das especificidades, são: a explicação das condições sociais, a construção de sujeitos, certa organização, capacidade de articulação, de mobilização, de luta coletiva, de construção de alternativas cotidianas e, dependendo do nível de politização, de articulação das lutas imediatas com as estruturais, das locais com as

venerar, de dizer a própria palavra, de ler criticamente a realidade, de resistir e lutar e de agir autonomamente.

Para Caldart (2008), precisamos defender e reafirmar a necessidade, a importância política e teórica de compreender este fenômeno chamado Educação do Campo em sua historicidade. E ao falar dessa Educação é a partir de quem o protagonizou, os trabalhadores, camponeses (as) que sentiram a necessidade de que outra educação era possível e necessária para o campo.

Caldart (2008) define bem a Educação do Campo que se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores aos conhecimentos produzidos na sociedade e ao mesmo tempo problematizando, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e de hierarquização epistemológica própria desta sociedade que deslegitima os protagonistas originários dessa concepção como produtores de conhecimento e que resiste construir referências próprias para a solução de problemas de outra lógica de produção e de trabalho que não seja a do trabalho do capital.

Caldart (2008) destaca que: talvez esta seja a marca mais incomoda da Educação do Campo; os sujeitos que põe em cena como construtores de uma política de educação e de uma reflexão pedagógica, entende-se que a mesma brotou do chão, germinou, nasceram da necessidade do camponês analfabeto (a) que só lia o mundo e não a palavra. Sentiu a importância de se fazer educação de outro jeito, a que ninguém foi capaz de construir.

Precisamos reeducar, reprender e com os camponeses nos constituirmos como sujeitos conscientes de quais são os saberes, conhecimentos e necessidades. Juntos construirmos a Educação do Campo que parte das experiências das classes populares, resgatando e enriquecendo o conhecimento popular, articulando com a realidade atual, apropriando com conhecimentos científicos. Reconhecendo a autenticidade do mundo camponês, buscando desenvolver o valor social do trabalho, consciência e experiência, da cultura da cooperação, organização coletiva com qualidade de vida que o campo merece e educar para a humanização.

Diante dessa recuperação da historicidade da Educação do Campo, trouxemos a escola pesquisada, a qual se propôs trabalhar na perspectiva da valorização dos sujeitos do campo e seus saberes, fazer, lutas e conquistas. Primeiramente foi colocada em pauta a Educação do Campo para as pessoas envolvidas na intenção de construir coletivamente com a comunidade escolar e em consonância com os princípios dessa Educação protagonizada pelos Movimentos

nacionais e internacionais, colocando-se na perspectiva de acúmulo de poder e de transformação social (Paludo, 2009).

Sociais do Campo. O primeiro passo foi levar para o debate a importância de filhos/filhas de camponeses (as) estudarem no campo, pois o transporte passava na frente da escola e os levava para a cidade. Para isso seria necessário trabalhar com o que o currículo nacional estabelece, porém com as especificidades do campo. Neste debate ouviu-se o depoimento de um pai:

Mas e daí o ensino é diferente, como meu filho vai estudar coisas diferentes e quando ele vai fazer um vestibular como ele vai competir com o da cidade (Camponês 01).

A preocupação desse pai é pertinente, por isso nos remetemos a LDB 9394/96, segundo a qual existe um núcleo comum de conteúdos para trabalhar a qualquer escola em nível de Brasil. O que será feito na escola do campo é vincular estes currículo com o cotidiano, tornando-o significativo, aprendendo a partir das vivências e experiências, conhecimentos que tem haver com a sua vida.

Também se observou a seguinte preocupação:

Meu filho quer ter internet, lá na cidade ele tem por isso que ele gosta de lá, e eu não quero que fique pra trás dos outros (Camponês 01).

Foi possível oferecer nas Escolas do Campo Internet; precisa ter o direito a qualidade de educação tanto quanto o educando de escola urbana. A comunidade se posicionou sobre a exigência de educação para que seus filhos pudessem aprender para viver no campo e manterem-se no campo.

A escola do Campo pesquisada proporciona oficinas para os Educandos no turno contrário denominadas como *Escola Itinerante*, realizadas nas Unidades de Produção dos/as educandos/as. No desenvolvimento destas oficinas (produção de cebola) com objetivos teóricos x práticos na escola do campo foi possível observar através de relatos dos/das educandos/as:

Lá em casa a mãe compra na cidade as mudinhas de cebola é mais fácil é só plantar (Educando -1).

Achava que era mais fácil ir lá comprar do que produzir. (Educando - 2)

Esta é melhor, foi a gente que produziu. (Educando - 3)

Através dos depoimentos é possível ver nos educandos a desconstrução de valores como “*comprar na cidade*”, e na reflexão-ação-reflexão que a Educação do Campo vai se constituindo. Uma das oficinas realizadas sobre o aproveitamento de resíduos na Unidade de Produção para a confecção de produtos de limpeza foi possível ter os seguintes depoimentos:

Eu não sabia que dava pra fazer sabão desse tipo. (Educador – 4)

Eu só sabia fazer sabão de tacho. (Educador – 5)

Outra possibilidade de produzir na Unidade de Produção, de perceber que o produto ficou melhor do que adquirido no mercado e além de ser biodegradável.

Na oficina de produção de derivados do leite, a sugestão de uma mãe::

Gostaria que na escola fizessem nessas oficinas como faz o queijo, eu até dou o leite, porque quero ensinar para minha filha, mas ela não quer aprender (Camponesa -2).

A partir da sugestão que vem como preocupação da família em querer ensinar conhecimentos que elege como importantes, a escola realizou a oficina com derivados do leite que podemos observar nas falas dos educandos (as):

Lá em casa tem tanto do leite mas não sabia que dava para fazer tanta coisa boa.

(Educanda – 6)

Ter o leite, a gente poder fazer de tudo, queijo, nata, mumu, doce-de-leite, rapadurinha.

(Educanda- 7)

Ao trazer os saberes populares para dentro da escola, ela passa a ser uma escola viva, com saberes que se vinculam ao cotidiano, que tem a ver com o sentido da vida e a identidade camponesa. Durante a pesquisa, observei que é esse sentido que se está perdendo no campo, pois, a família quase não consegue mais passar para os jovens estes saberes. No relato dos pais e mãe, aparece a dificuldade que os filhos têm em se envolver, pois muitas coisas eles não conseguem ensinar, como era feito no passado.

A escola do campo pesquisada visualizava a participação dos/as educandos/as em eventos, instigando o engajamento, a participação em vários momentos, como em místicas de

aberturas em eventos/seminários e também fazendo parte do debate¹². Percebemos que nesses eventos há uma interação/representação dos Movimentos Sociais com o currículo escolar recuperado e identificando-se com a cultura camponesa, na experiência do cultivo das sementes crioulas, enfim, principalmente do milho, feijão, arroz, hortaliças, as trocas de sementes entre os educandos, é o espaço de vivências, de troca de experiências entre o cotidiano das famílias e as questões do currículo escolar.

Observamos, também, que os educadores incentivaram/proporcionaram a apropriação e incorporação dos conhecimentos populares ao currículo, pois, no âmbito das escolas investigadas, há divulgação das práticas culturais da região, como agroecologia, produtos orgânicos e sementes crioulas. Esses são alguns dos conhecimentos da comunidade que estão integrando aos conteúdos escolares com ações coletivas dos Movimentos Sociais do Campo.

A partir da pesquisa percebemos que a EMEIEF Padre José de Anchieta da Linha Dois irmãos, é uma escola onde há cruzamento de culturas, pressupõe o rompimento com um currículo homogeneizado e juntamente com os Movimentos Sociais do Campo potencializa ações de transformação do cotidiano da escola, da família e do assentamento.

O que se observou nas escolas do campo de São Miguel do Oeste o coletivo da escola começou a incluir nas ações contemplando matizes da cultura camponesa, dos assentamentos do MST, etc. A reflexão dos educadores começou a ser aberta perguntando-se sobre “quem é o sujeito presente nas escolas do campo?” e “que conteúdos/saberes/conhecimentos precisam?”.

Ficou visível, durante a pesquisa, que o que os identifica como camponeses, sujeitos de um lugar e que lhe dá referência como comunidade atualmente é o Movimento Social, mas que a escola também fez parte desse espaço de construção de identidade.

Observamos que está sendo possível re-significar a Educação do Campo no assentamento. Construir e reconstruir saberes que precisam para viver com qualidade de vida. O campo é uma imensidão de diversidade de elementos possíveis de estudar, é um laboratório de pesquisa.

O conhecimento para o educando tem significado se mudar a vida dele, se faz a diferença e o que propõe no desenvolvimento de ações pensadas coletivamente para desenvolver com o educando, com a família e com comunidade. A escola, através do coletivo

¹² Entre os eventos com participação da Escola: VI Seminário Estadual de Agroecologia: Campo e Cidade com vida saudável, de 20 e 21 de maio de 2010, São Miguel do Oeste/SC; Festa da Semente de Milho Crioulo, Anchieta/SC2011; V Encontro dos Sem Terrinha, São Miguel do Oeste, 2010; XXVII Encontro Estadual do MST, Passos Maia/SC, de 23 a 25 de novembro de 2011. Seminário Municipal de Meio Ambiente 05 e 06 de junho de 2012.

de educadores elencou ações coletivas para desenvolver na escola, nas famílias e nas comunidades.

Ações da escola com os educandos: palestras, com o tema como produzir com qualidade, qualidade de vida, visita às famílias dos educandos os que realizam agricultura convencional x agricultura agroecológica, confecção do decompositor orgânico, oficinas de proteção de fonte e mata ciliar, produção de alimentos na horta da escola, plantio e distribuição das mudas de hortaliças para os educandos/as transplantar na horta de suas unidades de produção, coleção de sementes, banco de sementes.

Ações na família: visitas às famílias, oficinas na Unidade de Produção dos educandos/as como ajardinamento, organização do galpão, coleta seletiva do lixo, plantio na horta.

Ações na comunidade com Movimentos Sociais: campanha permanente contra os agrotóxicos e pela vida, coleta de lixo reciclável. Encontro das mulheres camponesas e MMC com o tema “Soberania Alimentar” com trocas de sementes crioulas, realizado na Linha Dois Irmãos, com a participação da escola do Campo. Palestras: como é possível mudar a lógica de produção: agrotóxico X agroecológica.

Foi possível também ver o quanto a escola do campo é significativa e que os (as) camponeses (as) percebem a mudança da escola, a partir de seus relatos:

O aprendizado é bem melhor (Camponês 01).

Estão indo na escola por causa da proposta da escola do campo. A gente optou por levar lá, nós moramos na roça e a educação é voltada para a roça, elas contam que os amigos da cidade são tudo diferente, gostam do que aprendem na escola e vem bem animada para casa; Chegavam em casa e contavam que tinha os colegas que não sabiam fazer as coisas que a escola ensinava, elas ajudam em tudo e vai aprendendo. (Camponês 02)

Aprendizagem das coisas do campo, o trabalho com a terra, nota dez. (Camponês 03).

A escola me impressiona a quantidade de livros coloridos, quadro verde hoje é branco, cartaz não só dentro da sala de aula, tem computador, internet, multimídia. (Camponês 04)

Gostamos do jeito que vocês trabalham na escola essas oficinas, isso ensina a cultivar, cuidar, plantar e o amor a terra, vocês na escola tem um jeito especial de fazer isso, que nossos filhos gostam. O meu filho disse que ajudou a dar idéias de como organizar os canteiros da horta. (Camponês 05)

Pra nós aqui no interior o estudo é melhor que na cidade. (Camponês 06)

Pra nois assentados é importante esta contribuição dos Movimentos Sociais na Escola. (Camponês 07).

A compreensão dos pais quanto ao trabalho diferenciado pelas escolas do campo pesquisadas é visível e percebe toda essas mudanças e, também, participaram como protagonistas na construção da escola do campo.

A Educação desta escola busca trabalhar na perspectiva da valorização dos sujeitos do campo e seus saberes, fazeres, lutas e conquistas. Abordando a educação e a necessidade de modificação desta, na perspectiva de discuti-la junta à estrutura social ou sócio cultural em que está inserida e se percebe, nitidamente, a vinculação da Educação do Campo aos Movimentos Populares do campo, principalmente do MST, devido ao surgimento das demandas de contrapor a educação rural. Acima de tudo, podemos concluir que foram os empobrecidos (as) do campo, em desobediência coletiva que se deram conta da educação diferenciada que necessitam e, por isto se colocaram a construí-la. Acredita-se na potencialização de saberes e experiências das comunidades em que os (as) educandos (as) estão inseridos para maiores aprendizados e o desenvolvimento de seu protagonismo.

REFERÊNCIAS

ASSUNPÇÃO, Rayane Patrícia Severino. **Referencias Teórico-método lógicas para práticas de educação na perspectiva da autonomia dos sujeitos.** Organizada pela Escola Multimeios, p.64-80. Projetos Formação de Educadores Populares na perspectiva Freiriana – Instituto Paulo Freire. 2001.

CALDART, Roseli Salete. **Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da Educação do Campo.** In: Molina, Monica C.; JESUS, Sonia Meire A. de. (orgs) contribuições para a construção de um projeto político e pedagógico Da Educação do Campo. Brasília: DF, 2004.

CALDART, Roseli Salete. **Caminhos para a transformação da Escola:** reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo. Expressão Popular. Cadernos do Iterra, ano X, nº 15, 2010.

TORRES, Alfonso. **La Educação Popular**, Editora El Buho, 2008.

DAMASCENO, Maria N.; BESERRA, Bernadete. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. In: **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 73-89, jan/abr 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987

_____. **Pedagogia da autonomia**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Conscientização**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

- _____. **A Ação cultural para a Liberdade.** 1ª Edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. Pedagogia do Compromisso: América Latina e Educação Popular, Editora Villa das Letras. 1ª Edição, Indaiatuba, São Paulo, 2008.
- _____. **Política e Educação, 5ª edição.** São Paulo, Cortez, 2001.
- MEJIÁ, Marco Raúl. **Transformação social, Educação Popular e Movimentos Sociais no fim do século:** Tradução de Ana vieira pereira e Riçado ribeiro, 2ª edição. SP – Cortez, 2003 – Coleção questões da nossa época: v.50.
- MELLUCI, Alberto. **A invenção do presente:** Movimentos Sociais nas sociedades complexas. RJ: Vozes
- MUNARIN, A. *Movimento Nacional de Educação do Campo: uma trajetória em construção.* 17f. Trabalho apresentado no CT 3: Movimentos Sociais e Educação, 31ª Reunião anual da ANPEd, Caxambu, MG, 2008. Disponível em <HTTP://www.anped.org.br>
- PALUDO, Conceição. **Educação Popular e Movimento Social na atualidade:** Algumas Considerações. Texto elaborado para a participação no I Seminário realizado pelo TRMSE em novembro de 2009, grupo de pesquisa da UFRGS.
- SANTOS, Milton. **Território e Sociedade:** entrevista com Milton Santos: São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes.** 2ª edição – Lisboa: Moraes. 1981.